

Cadeiras de corte: materialidades cotidianas e marcadores sociais da diferença nos salões de beleza do Distrito Federal (Brasil)¹

[VANESSA PAULA PONTE]

Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília

nessaponte@gmail.com

Resumo

Este estudo etnográfico analisa o papel das cadeiras para cortes de cabelos em salões do Distrito Federal, Brasil, como elementos mediadores na construção da imagem corporal infantil. Interagindo em pesquisa com crianças de 6 a 12 anos provenientes de diversos contextos socioeconômicos e culturais. O estudo revela como estes mobiliários transcendem sua funcionalidade aparente para atuar como dispositivos materiais que incorporam e reproduzem relações de poder associadas a gênero, classe e raça. O trabalho destaca particularmente a capacidade de agência das crianças, que não se posicionam como receptores passivos de normas estéticas, mas desenvolvem estratégias criativas de reiteração, resistência, negociação e/ou ressignificação frente às imposições veiculadas por meio destes artefatos. As cadeiras de corte emergem, assim, como objetos que materializam tensões sociais mais amplas. A análise demonstra como estes elementos cotidianos do ambiente urbano simultaneamente podem tanto reforçar desigualdades estruturais quanto abrir espaços para práticas emancipatórias. O estudo contribui para a compreensão da complexa inter-relação entre cultura material, corporeidade infantil e reprodução/contestação de padrões estéticos normativos na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Materialidades, Infâncias, Corporalidades

Las sillas de corte: materialidades cotidianas y marcadores sociales de diferencia en salones de belleza del Distrito Federal (Brasil)

Resumen

Este estudio etnográfico analiza el papel de las sillas de corte de pelo en salones de belleza del Distrito Federal, Brasil, como elementos mediadores en la construcción de la imagen corporal infantil. A través de la investigación con niños de 6 a 12 años de



¹ Artículo recibido: 21 de mayo de 2025. Aceptado: 8 de octubre de 2025.

diversos contextos socioeconómicos y culturales, el estudio revela cómo estos muebles trascienden su aparente funcionalidad para actuar como dispositivos materiales que encarnan reproducen relaciones de poder asociadas al género, la clase y la raza. El trabajo destaca, en particular, la agencia de los niños, quienes no se posicionan como receptores pasivos de normas estéticas, sino que desarrollan estrategias creativas de reiteración, resistencia, negociación y/o resignificación frente a las imposiciones transmitidas por otros actores. Las sillas de corte emergen así como objetos que materializan tensiones sociales más amplias. El análisis demuestra cómo estos elementos cotidianos del entorno urbano pueden promover simultáneamente desigualdades estructurales y abrir espacios para prácticas emancipadoras. El estudio contribuye a la comprensión de la compleja interrelación entre cultura material, corporalidad infantil y la reproducción/contestación de estándares estéticos normativos en la sociedad brasileña contemporánea.

Palabras clave: Materialidades, Infancias, Corporalidades

Cutting chairs: everyday materialities and social markers of difference in beauty salons of the Federal District (Brazil)

Abstract

This ethnographic study analyzes the role of haircut chair in beauty salons of the Federal District, Brazil, as mediating elements in the construction of children's body image. Through research with children aged 6 to 12 from diverse socioeconomic and cultural backgrounds, the study reveals how these pieces of furniture transcend their apparent functionality to act as material devices that embody and reproduce power relations associated with gender, class, and race. The work particularly highlights the agency of children, who do not position themselves as passive recipients of aesthetic norms, but rather develop creative strategies of reiteration, resistance, negotiation, and/or resignification in the face of impositions transmitted by other actors. Cutting chairs thus emerge as objects that materialize broader social. The analysis demonstrates how these everyday elements of the urban environment can simultaneously promote structural inequalities and open spaces for emancipatory practices. The study contributes to the understanding of the complex interplay between material culture, childhood embodiment, and the reproduction/contestation of normative aesthetic standards in contemporary Brazilian society.

Keywords: Materialities, Childhoods, Embodiment

Introdução

O presente artigo deriva de uma pesquisa de doutorado que investigou a construção da imagem corporal de crianças entre 6 e 12 anos, oriundas de diversos contextos socioeconômicos e culturais, frequentadoras de salões de beleza em Brasília. A etnografia evidenciou os posicionamentos e as negociações infantis diante da presença marcante do mercado da beleza e da valorização de padrões estéticos restritivos em seu cotidiano. O estudo demonstrou a capilaridade da beleza, destacando suas conexões com dimensões mais amplas da vida social, como consumo, saúde, sociabilidade, mídia, processos educativos, discriminação corporal e politização do embelezamento.² Realizei uma pesquisa multissituada em 35 estabelecimentos do Distrito Federal, representativos de diferentes capitais culturais e econômicos, desde espaços sofisticados no Plano Piloto até aqueles em áreas de infraestrutura precária localizadas na Ceilândia.³ Para esta análise, o foco recai sobre quatro salões estrategicamente selecionados, estabelecendo diálogo com estudos sobre práticas de embelezamento (Cruz & Gomes 2002, Bouzón 2010, Arango 2016) que evidenciam como padrões estéticos são negociados segundo intersecções de gênero, raça e classe social.

Os quatro salões analisados neste artigo localizam-se em áreas com perfis socioeconômicos distintos: Plano Piloto (Asas Norte e Sul - regiões centrais planejadas, alta renda, IDH elevada e concentração de servidores públicos) e Ceilândia (área mais populosa, 26km do centro, menor renda média). Destaca-se um salão na Asa Sul próximo à rodoviária, especializado em cabelos crespos e cacheados, que funciona como zona de transição socioespacial, atraindo clientela diversificada de várias Regiões Administrativas, predominantemente de classes populares.

Metodologicamente, o estudo alinha-se aos estudos interdisciplinares sobre infância desenvolvidos desde 1980, que reconhece meninas e meninos como sujeitos históricos ativos na construção da realidade social, como seres criadores de saberes, e desestrói a ideia de infância como universal. Fundamento-me, teórica e metodologicamente, nas reflexões de Sarmento (2003), Cohn (2005, 2013) e Corsaro (2011), que ressaltam a importância da realização de pesquisas socioantropológicas que primem pelo protagonismo dos pontos de vista das crianças, valorizando, assim, estudos feitos *com elas* e não simplesmente *sobre elas*.

O trabalho etnográfico priorizou a observação participante e conversas informais (Sousa 2014) com crianças entre 6 e 12 anos, seus familiares e profissionais dos salões,

² Nesta pesquisa, a categoria “beleza” é compreendida como um fenômeno social e histórico, transcendendo a mera aparência física. Segundo Sant’Anna (2000, 2014) e Vigarello (2006), entende-se beleza como ação e comportamento socialmente situados, que se transformam conforme contextos históricos, econômicos e culturais específicos. Cada sociedade desenvolve suas próprias estratégias estéticas, como observa Del Priore (2004) sobre as técnicas corporais aplicadas desde o nascimento. No Brasil, principalmente a partir do século XIX, a beleza tornou-se um “capital” e um “dever moral”, integrando o tripé “beleza, felicidade e saúde” que impulsiona a moderna indústria do corpo.

³ A distribuição de estabelecimentos de beleza em Brasília é especialmente densa, sendo 10 vezes mais comum encontrar um salão/instituto de beleza do que uma padaria e 12 vezes mais que uma farmácia (Correio Braziliense, “Reis do salão”, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [Sebrae]). O Sincaab-DF contabiliza mais de 7 mil estabelecimentos na capital, empregando 13,8 mil profissionais, com média de 20 novos negócios iniciados mensalmente. Isto reflete uma tendência nacional: o Brasil possui 342 mil salões formalmente registrados, com cerca de 7 mil inaugurações mensais (Sebrae 2013). Considerando a informalidade do setor, estima-se que o número total ultrapasse 1 milhão de estabelecimentos (Sebrae 2013:17).

conduzidas mediante rigorosos protocolos éticos.⁴ A construção do conhecimento ocorreu através de metodologias lúdicas e colaborativas, estabelecendo uma relação dialógica com as crianças - não como "nativa", mas como "uma adulta diferente" que interage e aprende com elas (Pires 2007).

Para o recorte analítico deste artigo, direciono meu olhar investigativo para as cadeiras de corte como protagonistas silenciosos do universo estético infantil, examinando como estes objetos aparentemente ordinários materializam e medeiam relações de poder complexas vinculadas a marcadores sociais de gênero, classe e raça. Longe de serem meros suportes funcionais, estas cadeiras - com seus formatos, núcleos e disposições específicas - configuram uma "tecnologia silenciosa de gênero" (Lauretis 1987) que orienta, disciplina e, ocasionalmente, permite subverter normatividades estéticas desde a primeira infância. O estudo busca compreender as distintas formas de interação, negociação e resistência das crianças em relação a estes objetos e suas funções associadas, bem como analisar como estas materialidades cotidianas refletem e reproduzem desigualdades estruturais no contexto urbano brasileiro. Através desta análise, pretende-se revelar como os elementos materiais do dia a dia tanto manifestam quanto perpetuam disparidades sociais presentes nas cidades brasileiras.

Para o estudo das cadeiras de corte como materialidades pedagógicas, busco inspiração teórica em Miller (2013), cuja proposição de que "as coisas fazem pessoas tanto quanto as pessoas fazem coisas" ilumina a potência transformadora desses objetos cotidianos. Justamente por sua aparente insignificância, as cadeiras de corte exercem uma influência profunda e muitas vezes imperceptível na construção social dos corpos infantis. Complementarmente, mobilizo a perspectiva de Appadurai (1986) sobre a "vida social das coisas", analisando estas cadeiras como objetos dotados de biografias culturais e trajetórias sociais específicas, cujos significados são constantemente renegociados nos circuitos de valor e poder que atravessam os diferentes territórios urbanos. Ao evidenciar como estes artefatos aparentemente banais participam ativamente da construção de corporalidades infantis distintas este estudo busca oferecer uma compreensão de como marcadores sociais da diferença são materializados, reproduzidos e, ocasionalmente, contestados através das mais ordinárias materialidades do cotidiano.

Nesse horizonte, este trabalho tem como objetivo central (1) examinar a materialidade das cadeiras de corte como tecnologias de gênero que orientam performances corporais infantis; (2) compreender as distintas formas de interação, negociação e resistência das crianças com estes objetos; e (3) analisar como estas materialidades cotidianas refletem e reproduzem desigualdades estruturais no contexto urbano brasileiro. O artigo organiza-se em quatro seções complementares: inicialmente, exploro a arquitetura social e material dos salões infantis, evidenciando como as cadeiras de corte atuam como dispositivos pedagógicos na formação da imagem corporal; na segunda parte, investigo a multiplicidade de práticas e significados presentes nos salões selecionados, revelando como essas materialidades cruzam marcadores de gênero, raça e classe na formação de corporalidades infantis distintas; na terceira parte, analiso as cadeiras de corte como espaços de afetos, produção de identidades e política, examinando como constituem locais de negociação, resistência e ressignificação para as relações das crianças com seus corpos; por fim, na quarta parte, sendo esta a conclusão, integro as principais descobertas etnográficas com teorias antropológicas sobre objetos

⁴ A pesquisa que origina o artigo foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNICAMP.

cotidianos, demonstrando como estas cadeiras aparentemente simples participamativamente nos processos de socialização e construção identitária na infância brasileira contemporânea.

Arquiteturas da beleza: as cadeiras de corte como dispositivos pedagógicos e a multiplicidade de práticas e significados

Cada salão constitui um microcosmo próprio de códigos e técnicas, evidenciado primordialmente nas cadeiras de corte que funcionam como “tronos cerimoniais” de uma pedagogia silenciosa da beleza. Segundo Miller (2013), estas cadeiras não são meros objetos funcionais, mas participantes ativas na construção de corporalidades e subjetividades infantis. Como argumenta Faria (2007: 101), “As paredes falam, têm ouvidos, guardam segredos, dão arrepios, emocionam, fazem-nos lembrar, sonhar, pensar. Em toda organização espacial há uma forma silenciosa de ensino”. Esta pedagogia espacial materializa-se nas cadeiras através de suas propriedades físicas específicas - texturas, formatos, cores - que agem sobre os corpos das crianças, moldando experiências corporais duradouras que se inscrevem como técnicas corporais socialmente aprendidas e culturalmente incorporadas (Mauss, 2003).

Esta pedagogia materializa-se nas cadeiras de corte que, em suas diferentes configurações, comunicam expectativas estéticas específicas. Tomando a perspectiva de Appadurai (1986) sobre a vida social dos objetos, estas cadeiras circulam entre diferentes regimes de valor. Assim, na Asa Sul, nas mediações da rodoviária, o salão especializado em cabelos crespos exibe imagens de mulheres negras próximas às cadeiras, porém privilegiando fenótipos com cabelos cacheados com movimento e feições afiladas, enquanto silencia representações de homens negros e pessoas negras retintas. Nos outros três salões situados na Asa Norte e Asa Sul, as cadeiras são cercadas por representações de crianças brancas de cabelos lisos, especialmente meninas loiras. Na Ceilândia, ao redor das cadeiras de corte mais simples, atrizes e modelos reiteram o padrão liso, longo e loiro. Estas diferentes configurações visuais revelam como as cadeiras participam de circuitos diferenciados de valor estético, onde determinadas imagens são consideradas mais ou menos adequadas conforme o contexto socioespacial. A disparidade entre as aparências físicas das crianças posicionadas nas cadeiras de corte e as imagens que as circundam revela, como sugere Butler (2002), uma função normativa poderosa. As cadeiras, longe de serem meros suportes, transformam-se em palcos onde a “citação” de determinadas formas físicas normatiza e cria uma inteligibilidade em torno das formas consideradas dignas de representatividade. Miller (2013) nos ajuda a compreender como esta função não é apenas simbólica, mas emerge das propriedades materiais específicas das cadeiras: sua altura, que posiciona as crianças em relação às imagens circundantes; sua orientação estratégica para os espelhos; sua capacidade de enquadrar e expor determinados corpos. Do alto destas cadeiras, crianças com características físicas diversas percebem sua sistemática ausência nas representações que as cercam, experimentando corporalmente uma exclusão que se materializa através do próprio objeto que ocupam.

As cadeiras dos salões, voltadas estratégicamente para espelhos que duplicam e expõem os corpos, são cercadas por uma materialidade que reforça padrões específicos. Nos termos de Appadurai (1986), estas cadeiras funcionariam como “objetos de singularização” - artefatos que marcam fronteiras sociais e estabelecem critérios de pertencimento. Diante dessas cadeiras, clientes contemplam não simplesmente seus

reflexos, mas também as imagens idealizadas que os circundam, participando de um ritual de comparação e adequação dos que é mediado pelas propriedades materiais do objeto.

Nos quatro salões observados, as cadeiras de corte funcionam como dispositivos centrais de uma pedagogia da beleza (Ponte, 2023) que orienta não somente as crianças, mas funcionários e familiares sobre as formas de olhar e tratar os corpos. Estas cadeiras, longe de serem objetos neutros, são tecidas por uma complexa tessitura de discursos produzidos pela indústria de beleza, medicina estética, indústria farmacêutica, setores da mídia e da publicidade. Seguindo a Miller (2013), devemos reconhecer que estas cadeiras não apenas refletem estes discursos, mas participam ativamente de sua produção através de suas configurações materiais específicas. Posicionadas nestas cadeiras, as crianças aprendem que a beleza física é um triunfo que se traduz em poder e possibilidade de trânsito social.

No centro desta pedagogia materializada nas cadeiras de corte – presente nas diferentes realidades sociais estudadas – ter uma aparência física bela é crucialmente uma conquista e um trabalho minucioso que exige dedicação. A cadeira de corte funciona como um trono onde as crianças aprendem que precisam colocar suas aparências físicas no centro de suas preocupações. Nestas cadeiras, a produção da beleza passa a ser uma preocupação estruturante da vida e de suas relações com a saúde, o consumo, as práticas de higiene e as mídias. Como argumenta Butler (2003) sobre o gênero e trazendo um paralelo com a beleza, não temos uma beleza, nós a fazemos por meio dessa pedagogia materializada nas cadeiras de corte. Assim, no corpo a corpo com estas materialidades, as crianças vão reiterando, negociando, tensionando, confrontando e resistindo às suas diretrizes, revelando o que Miller (2013) denomina “agência dos objetos” - a capacidade das cadeiras de escaparem às intenções de seus produtores e gerarem efeitos não antecipados.

Nos salões da Asa Norte e Asa Sul, as cadeiras de corte para os primeiros cortes são rigorosamente segmentadas por gênero: carros e motos para meninos, tronos de princesas e estrelas para meninas. As capas colocadas sobre as crianças nestas cadeiras também são divididas por cores e personagens, copiando vestidos de princesas ou trajes de super-heróis. A vida social destas cadeiras, nos termos de Appadurai (1986), revela-se através dos rituais que as cercam: “Mamãe, vamos atender essa princesa?!”, “Vamos, gatinha”, “E esse garotão da mamãe?”, “Vamos, príncipe. Sua vez!”. Os adjetivos “bonita/o” e “linda/o” são recorrentemente mencionados, iniciando cada atendimento com um elogio à beleza física.

Em volta das cadeiras de corte, os profissionais executam uma verdadeira coreografia para realizar o corte apesar da movimentação das crianças, iniciando um processo de disciplinamento corporal. Alguns estabelecimentos oferecem “certificados de primeiro corte” como souvenirs – prática que simboliza o início de uma relação duradoura com a cadeira do salão. As justificativas dos funcionários são reveladoras: “Aqui é como se fosse uma escola da beleza e tudo começa no primeiro corte nesta cadeira”, “É uma lembrança do início da vida dos pequenos nestas cadeiras do salão”. Estas narrativas evidenciam como as cadeiras acumulam biografia cultural, tornando-se repositórios de memórias e marcos identitários.

Já no Salão situado na Ceilândia, a ausência de cadeiras de corte especializadas para crianças transforma os colos dos pais nas primeiras cadeiras improvisadas. Esta diferença material revela como a vida social das cadeiras é estratificada por classe social:

enquanto em estabelecimentos privilegiados as cadeiras funcionam como objetos de prestígio, nas periferias elas são substituídas por arranjos improvisados. Apesar disso, as capas de corte mantêm estampas diferenciadas por gênero, demonstrando como determinadas tecnologias de gênero persistem mesmo quando os objetos materiais são mais simples.

À medida que as crianças crescem e acumulam experiências nas cadeiras de corte, os choros de resistência cessam e a intimidade com estes objetos é construída. Em muitas situações, o momento na cadeira passa a ser prazeroso, sobretudo quando as cadeiras se assemelham a brinquedos de parques de diversões. Acompanhei crianças adentrando os salões com espontaneidade, dirigindo-se diretamente às suas cadeiras preferidas, movimentando-se com familiaridade no espaço. Esta familiaridade revela como, nos termos de Miller (2013), as cadeiras e as crianças se co-constituem mutuamente através de interações repetidas.

Durante a pesquisa, notei que crianças entre 4 e 12 anos dirigem-se sem hesitar às cadeiras convencionalmente estipuladas para seus gêneros desde os primeiros contatos com os salões. Quando sentadas nestas cadeiras, os estímulos dialogados se intensificam. Meninos ouvem: “Vamos ficar bonito pras namoradinhas?”. Meninas escutam: “Vamos, princesa?”. Esta automaticidade revela como as cadeiras operam como tecnologias materiais que naturalizam diferenças de gênero através de suas propriedades físicas.

Episódios de resistência às cadeiras genderizadas são particularmente reveladores da força normativa destes objetos. Angélica, 5 anos, preferiu sentar-se na cadeira em formato de moto, contrariando sua mãe que insistia na cadeira em formato de estrela. Augusto, 4 anos, foi fisicamente impedido pelo pai de usar a cadeira de princesa. Estes episódios evidenciam como as cadeiras podem tanto reproduzir quanto possibilitar a contestação de normas de gênero, dependendo de como sua materialidade é apropriada. Desse modo, cadeiras e crianças entrelaçam-se mutuamente, constituindo-se em uma trama sensível onde corpo, consumo e subjetividade se moldam e se transformam continuamente.

Para além das resistências diante da divisão binária das cadeiras, observamos um dos ensinamentos mais marcantes transmitidos por esses mobiliários: a noção de que a produção da aparência física implica consumo intenso. Do alto destas cadeiras, as crianças visualizam produtos nas prateleiras circundantes, absorvendo que os gestos que embelezam têm um preço. Este aprendizado ressoa em suas brincadeiras: loja no shopping, cartão de crédito, compra de produtos, parcelamento, tudo visível do horizonte proporcionado pelas cadeiras, que funcionam como pedagogas silenciosas do consumo estético.

Neste cenário materializado em diferentes configurações conforme as realidades socioeconômicas, as crianças conferem prestígio às mercadorias que compõem a produção do embelezamento. Estes objetos, visíveis do alto das cadeiras, passam não somente a representá-las, mas a exercer uma força de ação que vigora em suas rotinas. Desse modo, crianças e cadeiras delineiam uma relação dialética, um entrelaçamento dinâmico em que ambos se constituem mutuamente. No bojo desse entrelaçamento, as formas de se relacionar com o corpo e a produção de subjetividades são profundamente delineadas.

Contudo, é imprescindível, como propõe Mol (2002), não naturalizar “a lógica da escolha” quando analisamos as cadeiras de corte. A autora nos estimula a questionar

o que está em jogo quando fazemos escolhas. No que tange às escolhas em torno do consumo da beleza, é preciso confrontar a ideia neoliberal de liberdade absoluta diante da forte atuação de empresas do embelezamento e ditames sociais. Como Mol argumenta, “escolhas não decorrem da existência de várias maneiras de fazer as coisas. Elas também dependem da existência de momentos em que essas maneiras diferentes podem ser levadas em consideração” (Mol 2002:301). No caso das cadeiras de corte, seguindo Miller (2013), trata-se de compreender como os diferentes atores performam essa realidade através de suas interações com as propriedades materiais específicas destes objetos. Significa problematizar como as crianças produzem seus corpos, performando práticas cotidianas mediadas por materialidades que simultaneamente constrangem e possibilitam determinadas formas de ser.

A análise da vida social das cadeiras de corte, inspirada em Miller (2013) e Appadurai (1986), revela como estes objetos aparentemente simples participam ativamente de processos complexos de socialização e construção identitária. Suas trajetórias biográficas - da produção industrial à circulação em diferentes contextos socioeconômicos - carregam consigo sedimentações de valor que materializam hierarquias sociais. Contudo, como demonstram os episódios de resistência infantil, estas cadeiras também podem tornar-se veículos de contestação e experimentação, evidenciando como a vida social dos objetos escapa às intenções de seus produtores e usuários.

Iniciemos este exercício de reflexão focando, mais minuciosamente, nas cadeiras de corte como materialidades que interseccionam simultaneamente marcadores de gênero, raça e classe, mas também como objetos dotados de uma vida social própria. Para compreender como estas materialidades operam na construção da beleza infantil, é necessário primeiro reconhecer que, nos termos de Appadurai (1986), as cadeiras de corte possuem uma “vida social” - elas circulam, acumulam significados e transformam-se em diferentes contextos culturais. Appadurai nos convida a seguir as trajetórias dos objetos, observando como eles adquirem e perdem valor, como entram e saem de diferentes esferas de troca, e como participam ativamente da construção de identidades sociais.

Pensemos nas figuras contrastantes de um trono de princesa e de um carro de guerra presentes nos salões do Plano Piloto. Cada um destes formatos sugere determinada disposição corporal e subjetiva: os carros possibilitam rodar a direção, apertar buzinas, estimulam movimento e ruído; ao contrário, o trono não produz sons nem suscita tantos movimentos, incentivando contenção e postura. Consequentemente, estas materialidades distintas produzem técnicas corporais e repertórios de movimento profundamente diferenciados conforme o gênero.

Para compreender como estas materialidades operam na formação corporal infantil, recorro a de Lauretis (1987:18) e seu conceito de “tecnologias do gênero”: mecanismos institucionais e sociais que possuem o “poder de controlar o campo da significação social e produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero”. Na perspectiva da autora, as tecnologias de gênero contribuem para perpetuar diferenças estereotipadas na distinção entre masculino e feminino, produzindo corporalidades distintas que reverberam em formas específicas de subjetivação.

Seguindo a perspectiva de Miller (2013), devemos reconhecer que estes objetos não são meros receptáculos passivos de significados culturais impostos externamente. Miller argumenta que os objetos participam ativamente da constituição das pessoas, em uma relação dialética na qual sujeitos e objetos se co-constituem mutuamente. As cadeiras

de corte, portanto, não apenas refletem diferenças de gênero preexistentes - elas participam ativamente da produção dessas diferenças através de suas propriedades materiais específicas. A textura do assento, o formato que convida a determinadas posturas, as cores que evocam determinados universos simbólicos, todos estes elementos materiais agem sobre os corpos das crianças, ressoando em experiências corporais que podem se sedimentar como disposições duradouras.

Esta compreensão dialoga diretamente com o conceito de habitus proposto por Bourdieu (2009 [1980]), entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que estrutura as práticas e representações sociais. O habitus se forma através da incorporação de estruturas sociais objetivas, traduzindo-se em esquemas de percepção, pensamento e ação que operam frequentemente de modo pré-reflexivo. No caso das cadeiras de corte infantis, podemos compreender como estes objetos materiais funcionam como agentes na constituição de um habitus generificado através da repetição de experiências corporais específicas, como por exemplo sentar-se em superfícies com determinadas texturas, assumir posturas particulares, ou ser envolvido por determinados universos cromáticos, entre outras. Assim, as crianças vão internalizando disposições que naturalizam distinções de gênero, fazendo com que o que é socialmente construído apareça como segunda natureza.

As cadeiras de corte, com seus formatos, cores e disposições, materializam precisamente estas tecnologias de gênero, operando silenciosamente na fabricação de corpos infantis generificados desde os primeiros contatos com o ambiente estético. Aqui, a contribuição de Miller (2013) é fundamental: ele nos mostra como os objetos não são simplesmente “usados” pelas pessoas, mas como estabelecem relações de co-constituição. A cadeira-trono não apenas serve para sentar uma menina - ela participa ativamente da produção de uma corporalidade “feminina” através de suas propriedades materiais específicas. O assento elevado, o encosto ornamentado, a rigidez que exige postura ereta - todos estes elementos atuam como agentes materiais na produção de uma subjetividade generificada.

Seguindo Appadurai (1986), podemos rastrear as trajetórias biográficas destas cadeiras para compreender como elas adquirem diferentes valores em contextos distintos. Nos salões de classe média alta da Asa Norte e Asa Sul, as cadeiras-trono e carros-guerra funcionam como mercadorias de prestígio, sinalizando um investimento estético elaborado em certas infâncias. Suas superfícies brilhantes, seus acabamentos detalhados e seus designs temáticos complexos as posicionam como objetos de desejo, capazes de agregar valor simbólico tanto aos salões quanto às famílias que podem pagar por estes serviços.

Contudo, nas regiões periféricas como Ceilândia, estas mesmas cadeiras podem estar ausentes ou presentes em versões mais simples, revelando como a vida social dos objetos é profundamente marcada por desigualdades estruturais. Aqui, a ausência de cadeiras temáticas não significa ausência de tecnologias de gênero, pelo contrário, as marcações de gênero persistem através de outros elementos materiais: as cores das capas de corte, a paleta cromática dos produtos utilizados, ou o design distintivo de suas embalagens. O que Appadurai (1986) chamaría de “regimes de valor” - os critérios culturais que determinam quando, como e por quem os objetos são considerados valiosos - operam aqui de forma claramente estratificada.

A perspectiva de Miller (2013) sobre a agência dos objetos nos permite compreender como as cadeiras de corte não funcionam apenas como instrumentos de disciplinamento,

mas também como possibilidades de resistência. Miller argumenta que os objetos podem tanto reproduzir quanto subverter as intenções dos atores sociais, possuindo uma “agência” própria que pode escapar ao controle humano. As cadeiras de corte, mesmo quando projetadas para reforçar binarismos de gênero, podem ser apropriadas pelas crianças de formas imprevistas.

Esta diferenciação material produz comportamentos corporais distintos que pude observar repetidamente durante a etnografia. Inúmeras vezes, presenciei meninas sentando-se na cadeira em formato de trono: endireitavam as colunas, juntavam as pernas, arrumavam os vestidos, colocavam as mãos uma sobre a outra, num conjunto de gestos contidos e delicados. Esta postura contrastava nitidamente com a movimentação frenética, frequentemente observada, dos meninos nas cadeiras-carro. Como mencionamos anteriormente, contudo, as propriedades materiais destas cadeiras também propiciavam momentos de subversão: Angélica, 5 anos, persistentemente contrariava as expectativas maternas, manifestando seu desejo de utilizar a moto ao invés do trono de estrela. Augusto, 4 anos, demonstrava interesse pela cadeira de princesa, sendo fisicamente redirecionado pelo pai.

Estas pequenas resistências revelam o que Miller (2013) denomina “humildade dos objetos”: a capacidade dos objetos de escaparem às intenções conscientes dos atores sociais e produzirem efeitos não antecipados. As cadeiras, mesmo quando projetadas para disciplinar corpos infantis segundo normativas binárias de gênero, podem tornar-se veículos de experimentação e contestação dessas mesmas normas. A persistência de Angélica em ocupar a cadeira-moto, apesar da insistência materna pela cadeira-estrela, não pode ser reduzida a uma simples preferência por determinadas propriedades materiais do objeto. Sua escolha pode representar uma recusa deliberada aos significados de gênero cristalizados na cadeira-princesa, uma forma de dissidir - nos termos de Butler - às expectativas de feminilidade que o objeto materializa. Ao escolher a moto, Angélica pode estar afirmando outras possibilidades de ser menina, contestando a equação automática entre feminilidade e passividade ornamental que o trono representa.

De modo semelhante, o interesse de Augusto pela cadeira de princesa, embora violentamente interrompido pela intervenção paterna, pode sinalizar um desejo de experimentar estéticas e corporalidades que lhe são sistematicamente negadas. A atração pelas cores, pelo brilho, pela ornamentação não é necessariamente “apolítica” ou “inocente” - pode representar uma forma de questionar os limites impostos à expressão masculina. Estes episódios evidenciam que a vida social das cadeiras não se reduz às intenções de seus fabricantes ou às expectativas dos adultos. As crianças, em seus encontros com estes objetos, podem tanto apoderar-se de suas propriedades materiais de formas imprevistas quanto mobilizá-los estrategicamente como instrumentos de contestação das normas de gênero. A agência dos objetos, neste sentido, opera em múltiplas direções: eles podem tanto facilitar a reprodução de estruturas normativas quanto propiciar aberturas para experimentações dissidentes, dependendo de como são apropriados pelas crianças em suas micropolíticas cotidianas, ainda que estas resistências sejam frequentemente contidas ou punidas pelos adultos presentes.

Contudo, se as cadeiras de corte podem funcionar como espaços de contestação das normas de gênero para algumas crianças, para outras elas operam primordialmente como dispositivos de exclusão racial que sequer permitem o acesso inicial ao objeto. Enquanto Angélica e Augusto podiam ao menos negociar qual cadeira ocupar -

revelando uma certa liberdade de movimento dentro do salão -, outras crianças se veem impedidas de adentrar estes espaços ou de permanecer neles. A dimensão racial da vida social das cadeiras de corte revela-se de forma particularmente aguda quando consideramos os mecanismos de exclusão observados na etnografia. Uma cena ocorrida no salão de classe média alta situado na Asa Norte ilustra essa dinâmica: uma menina negra de cabelos crespos foi orientada a procurar um «salão especializado», sob o argumento de que seu cabelo seria «mais demorado» de tratar.

Neste episódio, a cadeira de corte transforma-se no que Appadurai (1986) chamaria de “objeto de singularização”: um objeto que marca fronteiras sociais e estabelece critérios de pertencimento. A cadeira, neste contexto, não é apenas um móvel funcional, mas um território racializado onde alguns corpos são bem-vindos e outros precisam justificar sua presença. Sua materialidade - o assento acolchoado, o design infantil, a promessa de transformação estética - torna-se inacessível para determinados corpos, revelando como a vida social dos objetos é atravessada por hierarquias raciais.

Miller (2013) nos ajuda a compreender como esta exclusão não é apenas simbólica, mas profundamente material. A cadeira negada comunica uma mensagem corporal clara: determinados cabelos, determinadas texturas, determinadas estéticas não se adequam às propriedades materiais deste objeto. A própria arquitetura da cadeira - projetada para cabelos lisos, para determinados tipos de corte, para certas técnicas de manuseio - materializa uma norma racial que se apresenta como tecnicamente neutra. A sugestão de que a menina procure um “salão especializado” revela como diferentes objetos circulam em circuitos espaciais e sociais específicos. Nos salões especializados em cabelos crespos, as cadeiras de corte são circundadas por imagens de meninas e mulheres negras, evidenciando como a vida social dos objetos pode ser reconfigurada em contextos diferentes. Aqui, as mesmas cadeiras que em outros contextos funcionavam como dispositivos de exclusão podem operar como objetos de afirmação identitária. É importante reconhecer, seguindo as reflexões das feministas negras sobre autodeterminação estética, como muitas mães e funcionárias desses salões, por meio de gestos carinhosos, elogios à beleza dos cabelos crespos e aos traços negroides, trabalham na construção de uma fortaleza identitária em corpos que, frequentemente, são inferiorizados na escola e em outros ambientes sociais. As cadeiras desses espaços especializados transformam-se, assim, em territórios de cura e proteção da confiança, onde a beleza negra não é apenas aceitação, mas celebrada como potência.

Contudo, mesmo nestes espaços “especializados”, as interseções entre raça e gênero persistem na materialidade dos objetos. A representatividade visual privilegia meninas negras com cabelos com movimento e feições mais afiladas e não representa com a mesma pujança meninos negros, revelando como as cadeiras continuam a participar de complexas tecnologias de gênero. Além disso, os preços elevados dos serviços especializados demonstram como a classe social também se inscreve na vida social dos objetos, determinando quem pode acessar quais versões das cadeiras de corte.

A análise das trajetórias das cadeiras de corte revela ainda como determinados objetos culturais - princesas, heróis, carros, tronos - circulam transversalmente através de diferentes contextos de classe social. Gabriel, 10 anos, e Luís, 9 anos, frequentadores do Salão na Ceilândia que ajudam seus pais vendendo mercadorias no semáforo, compartilham os mesmos universos ficcionais materializados nas cadeiras de corte que crianças de classe média alta. Esta circulação transversal das narrativas ficcionais, nos termos de Appadurai (1986), sugere a existência de “paisagens ideológicas” que

atravessam fronteiras de classe, mesmo quando materializadas através de objetos com diferentes níveis de elaboração material.

Bueno afirma que quando heróis e princesas “entram em cena, a partir do consumo de objetos e das brincadeiras, se juntam a outras personagens trazidas pelas crianças para evidenciarem o quanto podem servir de fonte para um gênero que se aprende brincando” (Bueno 2012:15). Esta dimensão do aprendizado é inegável, contudo, segundo Miller (2013), devemos reconhecer que as tecnologias de gênero materializadas nas cadeiras de corte vão além do lúdico: elas incidem na produção de uma corporalidade engendrada através de suas propriedades materiais específicas, imprimindo um ar de tão profunda normalidade que um número considerável de meninas se dirige automaticamente aos tronos de princesa assim como muitos meninos, aos carros, sem que qualquer palavra precise ser pronunciada.

Esta naturalização se potencializa porque, como observa Preciado (2012:1), a arquitetura material dos salões de beleza opera como “a mais discreta e efetiva das tecnologias de gênero”, criando “milhares de fronteiras de gênero, difusas e tentaculares, que segmentam cada metro quadrado do espaço ao nosso redor”. As cadeiras de corte funcionam analogamente aos banheiros públicos analisados por Preciado – espaços de inspeção onde se avalia a adequação de cada corpo aos códigos vigentes de masculinidade e feminilidade.

Miller (2013) nos ajuda a compreender como esta função reguladora não é apenas simbólica, mas emerge das propriedades materiais específicas dos objetos. A cadeira-trono, com sua rigidez e ornamentação, convida e orienta corpos contidos e posturas elaboradas. A cadeira-carro, com seus botões, volantes e buzinas, estimula e sugere movimento e ruído. Não se trata apenas de satisfazer a necessidade funcional de sentar-se para efetuar o corte, mas de uma interpelação material que solicita ao corpo relações específicas com as propriedades físicas do objeto. Esta relação, contudo, é mediada, social e simbólica - não um efeito mecânico ou físico estrito. As cadeiras influenciam corporalidades sem determiná-las absolutamente. Como demonstram os casos de Angélica, que persiste na escolha da cadeira-moto contrariando expectativas maternas, e Augusto, que manifesta interesse pela cadeira de princesa, as propriedades materiais dos objetos entram em negociação complexa com as agências infantis. A materialidade das cadeiras participaativamente da construção de corporalidades generificadas, mas sempre através de processos de interpretação, apropriação e resistência; nunca como simples imposição que reduz corpos a efeitos automáticos da arquitetura material.

A análise da vida social das cadeiras de corte, inspirada nas propostas de Appadurai (1986) e Miller (2013), revela como estes objetos aparentemente banais participamativamente da reprodução material de desigualdades estruturais. Suas trajetórias biográficas - da produção industrial à circulação comercial, do salão de elite ao salão periférico - carregam consigo sedimentações de valor que materializam hierarquias sociais.

Apesar disso, como Miller (2013) enfatiza, a agência dos objetos não se reduz à reprodução de estruturas sociais existentes. As cadeiras de corte também se constituem como palcos onde estas normatividades podem ser desafiadas através das agências das crianças. Quando Angélica resiste ao trono de princesa ou quando Augusto se interessa pela cadeira “feminina”, estes objetos tornam-se veículos de contestação e experimentação.

A cadeira de corte, elemento central dos salões de beleza, transcende, portanto, sua aparente neutralidade funcional para revelar-se como um ator social complexo. Muito além de um simples móvel onde clientes se sentam para transformar seus cabelos, ela representa um microcosmo das relações sociais, afetivas e políticas que permeiam a busca pela beleza. Quando uma criança se acomoda na cadeira de corte, ela não está simplesmente tentando modificar sua aparência física; está imersa em um ritual que simultaneamente adere, reitera, negocia, desloca e/ou contesta padrões estéticos socialmente estabelecidos.

Neste contexto, torna-se fundamental compreender como estas cadeiras participam também de uma economia afetiva mais ampla, particularmente no que tange à promessa de felicidade associada à transformação corporal. Ahmed (2010) examina criticamente a concepção de felicidade associada à beleza, revelando como a felicidade é apresentada como uma promessa direcionada a determinados objetos; no caso, o corpo considerado belo segundo padrões normatizados. A vida social das cadeiras de corte participaativamente desta economia da felicidade: elas prometem transformação, adequação, pertencimento social através da modificação corporal.

Seguindo Miller (2013), devemos reconhecer que esta promessa de felicidade materializada nos objetos não é inescapável. Os objetos possuem uma vida social que pode escapar às intenções de seus produtores e usuários. As cadeiras de corte podem tanto reproduzir quanto subverter os padrões estéticos dominantes, dependendo de como são apropriadas pelos diferentes atores sociais.

Escrutinar esse ideal de felicidade materializado nos objetos, propõe Ahmed (2010), permite inaugurar espaços não apenas para concepções mais amplas do que constitui um cabelo ou um corpo belo, mas também para novas formas de sociabilidade e produção de subjetividades. A análise da vida social das cadeiras de corte revela como determinados corpos são produzidos como “dignos” de ocupar estes objetos, enquanto outros são relegados à margem ou direcionados para circuitos “especializados”.

Vale frisar que a cadeira de corte não é apenas um local de submissão passiva aos padrões estéticos dominantes. Como Louro (2014) afirma, na linha de Paulo Freire, “os atores infantis não são receptores passivos de processos pedagógicos externos, mas agentes que participam ativamente desse empreendimento”. Seguindo Miller (2013), devemos reconhecer que os próprios objetos também possuem agência, eles podem tanto reproduzir quanto subverter as intenções dos atores sociais.

Compreender a vida social das cadeiras de corte nos termos de Appadurai (1986) e Miller (2013) significa reconhecer que estes objetos não são meros receptáculos passivos de significados culturais, mas atores sociais que participam ativamente da construção de identidades, da reprodução de desigualdades e das possibilidades de resistência. Suas trajetórias biográficas revelam como gênero, raça e classe social se materializam em objetos aparentemente banais, ao mesmo tempo em que demonstram como a agência material dos objetos pode abrir espaços para contestação e transformação social.

A análise da vida social das cadeiras de corte evidencia, portanto, que os salões de beleza não são lugares de consumo frio, de instrumentalização de serviços, mas espaços complexos onde objetos e sujeitos se co-constituem mutuamente na produção de subjetividades, identidades e formas de pertencimento social.

A cadeira de corte: espaço de afeto, identidades e política

Os salões constituem territórios privilegiados de construção de laços afetivos, encontros significativos e sociabilidade pulsante. A cadeira de corte materializa esses intercâmbios, configurando-se como epicentro físico onde histórias se entrecruzam, confidências são partilhadas e vínculos sociais se estabelecem. Seguindo a perspectiva de Miller (2013) sobre a co-constituição entre pessoas e objetos, estas cadeiras não são meros suportes passivos, mas participantes ativas na produção dos afetos que circulam pelos salões. As reflexões de Hooks (2016) sobre os rituais de alisamento capilar em sua infância ilustram esta dimensão afetiva das práticas estéticas: “Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade”. Os salões contemporâneos podem ressoar essa tradição, transformando-se em espaços que transcendem a mera modificação estética para constituírem ambientes de pertencimento coletivo, onde as cadeiras funcionam como âncoras materiais destes vínculos.

A dimensão afetiva das cadeiras de corte revela-se através de camadas sutis de experiências emocionais que transcendem sua funcionalidade aparente. Estas materialidades tornam-se depositárias de memórias corporais intensas: o medo e o choro dos primeiros cortes, gradualmente substituídos pela familiaridade e pelo prazer; a ansiedade diante do espelho que duplica e expõe o corpo em transformação; a expectativa de aprovação social que permeia cada sessão. As cadeiras materializam tanto promessas de pertencimento quanto ameaças de exclusão, funcionando como palcos onde se encenam dramas afetivos complexos. Para algumas crianças, sentar-se nestas cadeiras representa momentos de cuidado afetuoso, de atenção exclusiva de adultos significativos, de conversas íntimas que fortalecem vínculos familiares e comunitários - ressoando a dimensão de intimidade e comunidade que Hooks (2016) identifica nos rituais capilares. Para outras, estas mesmas cadeiras convertem-se em territórios de sofrimento silencioso, onde a dor física dos procedimentos entrelaça-se com a dor existencial de precisar modificar o corpo para torná-lo aceitável. A cadeira acumula, assim, traços afetivos contraditórios: pode ser simultaneamente trono de valorização e banco impositivo, espaço de celebração e local de disciplinamento, objeto de desejo e instrumento de padronização. Esta ambivalência afetiva materializada nas cadeiras evidencia como os objetos não apenas mediam relações sociais, mas participamativamente da produção de economias emocionais que moldam as relações das crianças com seus próprios corpos.

Nestes espaços, performances identitárias são constantemente ensaiadas, negociadas e apresentadas, permitindo às crianças experimentarem diferentes modos de ser e habitar o mundo através de suas aparências físicas. Aqui, a contribuição de Appadurai (1986) sobre as trajetórias biográficas dos objetos torna-se fundamental: as cadeiras de corte acumulam histórias, memórias e significados através de cada criança que as ocupa. Cada sessão adiciona camadas de significado à biografia cultural destas cadeiras, que se tornam repositórios de experiências identitárias diversas. Hooks (2016) nos convida a analisar as práticas de embelezamento para além de escolhas individuais isoladas, compreendendo-as em sua dimensão social e política. A cadeira torna-se, assim, o locus onde decisões aparentemente pessoais conectam-se a estruturas sociais mais amplas, onde microescolhas estéticas simultaneamente refletem e/ou contestam macropolíticas corporais.

Quando analisamos as experiências infantis nestas cadeiras, torna-se fundamental questionar criticamente as exigências desses padrões estéticos, os interesses a eles

vinculados e buscar horizontes alternativos, reconhecendo suas limitações físicas e subjetivas. Miller (2013) nos ensina que os objetos possuem agência própria, podendo tanto reproduzir quanto subverter as intenções humanas. A cadeira de corte pode configurar-se, portanto, não apenas como dispositivo de reprodução de normatividades estéticas, mas também como potencial espaço de subversão e reinvenção criativa, dependendo de como sua materialidade é apropriada pelos diferentes atores sociais. Seguindo a perspectiva de Hooks sobre “o amor como prática de liberdade”, podemos conceber a cadeira de corte como território onde autorreconhecimento e afirmação da alteridade coexistem, possibilitando a elaboração coletiva de “concepções mais democráticas de beleza e novas formas de compreender o corpo”. Nos termos de Appadurai (1986), as cadeiras participam de diferentes “regimes de valor” pensados como sistemas culturais que determinam quando, como e por quem os objetos são considerados valiosos. Em alguns contextos, elas operam como dispositivos de exclusão; em outros, como instrumentos de afirmação identitária. A cadeira revela-se, assim, como microcosmo complexo onde se entrelaçam questões de beleza, consumo, afetividade, identidade e política.

Esta investigação evidencia que, na constituição desses vínculos mediados por práticas estéticas, o “cabelo belo” e o “corpo belo” são estabelecidos como marcadores determinantes para aceitação social. Diante disso, torna-se urgente conceber a beleza de forma mais abrangente e inclusiva nos diversos espaços de sociabilidade infantil, permitindo que as crianças não sejam compelidas a conformar suas existências a padrões estéticos restritivos. Em um movimento de alteridade, é essencial refletir, conforme Arroyo e Silva (2012), sobre o árduo processo de construção positiva da identidade corporal infantil, que “exige penosos processos de desconstrução de representações inferiorizantes e preconceituosas de seus corpos que a cultura social, midiática e até literária ainda reproduz”. Concordamos com os autores quando afirmam que esta construção positiva ultrapassa a agência infantil isolada, “dependendo das relações imbricadas entre criança e família, criança e adultos, no que concerne às lutas e conquistas de seus direitos individuais e coletivos” (Arroyo & Silva 2012).

O objetivo desta pesquisa não é responsabilizar familiares e profissionais dos salões pelas relações que as crianças estabelecem com seus corpos e cabelos, mas examinar criticamente como o contexto sociocultural orienta todos estes atores à adoção de determinados padrões estéticos. Buscamos problematizar as exigências destes padrões, os interesses subjacentes a eles e questionar suas limitações físicas e subjetivas, sempre considerando que, como Miller (2013) argumenta, as cadeiras participam ativamente desta orientação através de suas propriedades materiais específicas.

As cadeiras de salão podem transcender a mera reprodução de padrões estéticos restritivos para constituírem-se como espaços de elaboração de formas mais amplas e inclusivas de expressão corporal, transformando a percepção e valorização social dos corpos. Estas cadeiras, potencialmente, configuram territórios de celebração da diversidade estética, onde múltiplas expressões corporais e identitárias são reconhecidas e legitimadas. Cada intervenção capilar pode constituir um ato de afirmação e reconhecimento da multiplicidade estética. O fundamental é compreender como os contextos socioculturais destas crianças modulam o funcionamento destes espaços, determinando seus significados e práticas cotidianas e colocar isso em debate coletivo nos quais as vozes das crianças não são apenas ouvidas, mas realmente consideradas e priorizadas.

Considerações finais: materialidades, desigualdades e resistências nos espaços da beleza

Esta etnografia revelou como as cadeiras de corte em salões de beleza transcendem sua aparente funcionalidade, constituindo-se como poderosos dispositivos pedagógicos na construção social da corporalidade infantil. Segundo a perspectiva de Miller (2013) sobre a co-constituição entre pessoas e objetos, as cadeiras de corte não são meros recipientes passivos de significados culturais, mas participantes ativas na produção de corporalidades infantis distintivas. Nos contextos estudados, estes objetos operam como tecnologias de gênero, marcadores de classe e mecanismos de inclusão/exclusão racial, materializando complexas relações de poder que moldam corpos e subjetividades através de suas propriedades físicas específicas.

A pesquisa documentou a significativa agência das crianças diante dessas materialidades normativas. Casos como os de Angélica e Augusto demonstraram capacidade de negociação e resistência às designações de gênero incorporadas nas cadeiras. Estas micropolíticas evidenciam como, mesmo confrontados com tecnologias materiais potentes, as crianças criam espaços de ressignificação e subversão criativa, revelando o que Miller (2013) denomina “agência dos objetos” - a capacidade dos objetos de escaparem às intenções conscientes dos atores sociais e produzirem efeitos não antecipados.

A imersão etnográfica revelou a complexa dualidade presente nas práticas de embelezamento. Em sua face construtiva, as cadeiras de corte materializam rituais que fomentam o autocuidado, a consciência corporal e o desenvolvimento da autoestima; neles floresce a dimensão lúdica que tece redes de pertencimento e reconhecimento. Contudo, estas mesmas cadeiras podem converter-se em palcos onde se manifestam dimensões potencialmente prejudiciais ao bem-estar psicológico e físico infantil. Particularmente preocupante é a fusão entre padrões estéticos normatizados e discursos de saúde que promovem a falsa correlação entre ideais de beleza e bem-estar integral; perspectiva sistematicamente desconstruída ao longo da pesquisa, evidenciando como a busca por corpos “belos” frequentemente compromete, em vez de promover, a saúde das crianças.

A análise das trajetórias biográficas das cadeiras, inspirada em Appadurai (1986), revelou como estas materialidades refletem e reproduzem desigualdades estruturais na sociedade brasileira contemporânea. O contraste entre cadeiras ergonomicamente sofisticadas, presentes em salões situados em bairros privilegiados da capital federal, e aquelas mais simples encontradas em estabelecimentos periféricos, materializa disparidades socioeconômicas profundas. Contudo, apesar destas diferenças materiais, verificou-se uma preocupante convergência nos padrões corporais considerados desejáveis: a valorização hegemônica do corpo magro, do cabelo liso, da pele sem imperfeições e das feições afiladas permeia tanto os espaços elitizados quanto os periféricos, evidenciando como determinadas “paisagens ideológicas” (Appadurai 1986) atravessam fronteiras de classe, ainda que materializadas com diferentes recursos.

São abundantes as cenas e narrativas documentadas que demonstram como, atrelados aos ensinamentos para a produção do corpo considerado belo, reverberam marcas indeléveis de um passado colonial, do racismo estrutural persistente, do classismo e da heteronormatividade compulsória. Diante destas forças normalizadoras, observam-se, nas experiências cotidianas de crianças e adultos, complexos repertórios de gestos,

palavras, sentimentos e posicionamentos que oscilam entre movimentos de reiteração, negociação estratégica e resistência ativa frente a estas poderosas marcas sociais incorporadas.

Para além destas dimensões estruturais, o estudo iluminou como as cadeiras de corte constituem espaços de afeto, construção identitária e política. Nas interações que as circundam, as crianças elaboram percepções sobre pertencimento social, valor corporal e autoestima. A dimensão afetiva destas práticas, ressoando com as reflexões de Hooks (2016) sobre salões como espaços de intimidade e comunidade, revela estas cadeiras como participantes ativas na formação de vínculos sociais significativos, funcionando como o que Miller (2013) chamaría de “mediadores materiais” das relações humanas. O fazer da beleza almejada e o esforço hercúleo para alcançá-la intentam lograr com que as crianças não sejam alvos de críticas, discriminações e bullying. Nesse cenário, os salões de beleza vendem serviços que prometem o alcance dessa beleza normatizada e, para muitas crianças, pais e profissionais desses estabelecimentos, esses espaços são vistos como uma espécie de armadura, um escudo, uma proteção contra o bullying. A pesquisa mostra, no entanto, que os salões também são espaços abertos para experimentações, possibilidades de produção de corporeidades e podem ser palco para a desconstrução de padrões normativos, inclusive agenciada pelas crianças.

Esta pesquisa contribui para os estudos antropológicos sobre materialidades ao demonstrar como objetos aparentemente triviais atuam como mediadores potentes na construção de corporalidades distintivas, corroborando a proposição de Miller (2013) de que “as coisas fazem pessoas tanto quanto as pessoas fazem coisas”. As cadeiras emergem como personagens silenciosas, porém profundamente influentes nas biografias corporais infantis, participando ativamente do que Appadurai (1986) denomina “vida social das coisas”: processos pelos quais objetos adquirem, mantêm e perdem valor através de suas circulações sociais.

Seguindo Annemarie Mol (2002), precisamos questionar criticamente “a lógica da escolha” ao analisar estas materialidades, confrontando a ilusão neoliberal de liberdade absoluta diante da atuação sistemática de corporações do embelezamento, mídias e prescrições sociais que definem padrões de corpo e beleza. Como Mol argumenta, escolhas genuínas exigem não apenas alternativas viáveis, mas também contextos que permitam sua consideração efetiva. Trata-se de compreender como as crianças ativamente produzem seus corpos, performando e negociando práticas cotidianas mediadas por materialidades que simultaneamente limitam e possibilitam formas específicas de existência.

Esta etnografia aponta para a urgente necessidade de desenvolvermos uma pedagogia crítica da beleza que desafie a discriminação corporificada, construída a partir de um diálogo com as crianças e respeitando sua agência. Tal pedagogia necessita ser tecida desde as primeiras interações estéticas: os primeiros toques em cabelos, primeiros adornos escolhidos, primeiros elogios recebidos. Como nos ensina Paulo Freire (1991) “a sociedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arenosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância”.

As práticas de embelezamento devem ser analisadas como fenômenos sociais e políticos, e não apenas como escolhas individuais. Confrontar as assimetrias geradas por padrões estéticos excludentes constitui um desafio coletivo que exige mais que escuta, demanda o desenvolvimento de mecanismos que garantam efetiva participação

das vozes infantis nos espaços de decisão. Compreender a vida social das cadeiras de corte, nos termos de Miller e Appadurai, significa reconhecer que estes objetos são atores sociais complexos que participam ativamente da construção de identidades, da reprodução de desigualdades e das possibilidades de resistência.

É fundamental reconhecer que as cadeiras de corte podem constituir-se como espaços legítimos de cuidado, afeto e fortalecimento da autoestima infantil. Para muitas crianças, sentar-se nessas cadeiras representa momentos prazerosos de atenção personalizada, de construção de vínculos com profissionais e familiares, de experimentação criativa com a própria aparência. Os salões podem funcionar como territórios de celebração da diversidade estética, onde diferentes expressões corporais são reconhecidas e valorizadas. Contudo, estas mesmas cadeiras podem também tornar-se palcos de experiências profundamente ambivalentes, onde a busca por aceitação social se entrelaça com formas diversas de sofrimento.

A trajetória de Taila, menina negra de 10 anos, estudante de escola pública, exemplifica esta ambivalência de forma contundente. Taila relatava achar doloroso ter que abandonar seus tempos de brincadeira para ir ao salão, onde era submetida a procedimentos que causavam dor física, como a depilação das pernas e a retirada de sobrancelhas, práticas nas quais sua mãe insistia persistentemente. Esta insistência materna não era arbitrária ou cruel: Taila vinha sofrendo interpelações hostis por parte de meninos na escola devido aos pelos de suas pernas. A cadeira do salão tornava-se, assim, um espaço profundamente contraditório: se por um lado prometia protegê-la do bullying através da adequação estética, pelo outro, o isso acontecia ao custo de sua autonomia corporal, de seu tempo de infância e de sua integridade física. A dor experimentada naquela cadeira não era meramente física, mas existencial: a dor de precisar modificar seu corpo para torná-lo aceitável aos olhos alheios, de ver seu tempo de brincar sacrificado em nome de normas estéticas que ela não escolheu, de sentir na própria pele - literalmente - as exigências de um padrão que a rejeita.

Encerro com a questão provocadora formulada por Taila, que cristaliza a dimensão ética fundamental desta discussão: “Você acha certo uma pessoa ter sempre que sentir dor só porque os outros não gostam de uma coisa em você?”

Bibliografia

- Ahmed, S. (2010). *The promise of happiness*. Durham: Duke University Press.
- Appadurai, A. (1986). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF.
- Arango, L. G. (2016). Cuidado, emoções e condições de trabalho nos serviços estéticos no Brasil. En: A. R. P. Abreu, H. Hirata & M. R. Lombardi (Orgs.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo.
- Arroyo, M. G. & Silva, M. R. (Orgs.). (2012). *Corpo infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2009). *O senso prático* (M. Ferreira, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Bueno, M. E. (2012). *Girando entre princesas: performance e contorno de gênero em uma etnografia com crianças*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Record.

Janeiro: Civilização Brasileira.

- Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Cohn, C. (2013). Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, 13(2), 221-244.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, A. S. & Gomes, L. G. (2002). *Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras*. Recife: Fundação Gilberto Freyre.
- Del Priore, M. (2004). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Faria, A. L. G. (2007). Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. En: J. O. Formosinho, T. M. Kishimoto & M. A. Pinazza. (Orgs.). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, P. (1991). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- hooks, b. (2016, 11 de abril). Alisando o nosso cabelo [Straightening our hair]. *Portal Geledés*. <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> (Trabalho original publicado em 1989)
- Lauretis, T. de. (1987). *Technologies of gender: Essays on theory, film, and fiction*. Indiana University Press.
- Louro, G. L. (2014). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- Mauss, Ma. (2003). As técnicas do corpo. In: Mauss, M. (Editor?). *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves (Pp. 399-422). São Paulo: Cosac Naify, .
- Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mol, A. (2002). *The body multiple: ontology in medical practice*. Londres: Duke University Press.
- Pires, F. (2007). Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, 50(1), 225-270.
- Ponte, V. P. (2023). *Entre cortes e espelhos: uma etnografia sobre a construção da imagem corporal de crianças em salões de beleza do Distrito Federal* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp, São Paulo.
- Preciado, P. B. (2012). *Pornotopía: arquitectura y sexualidad en "Playboy" durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama.
- Sant'anna, D. (2000). As infinitas descobertas do corpo. En: A. Piscitelli. (Org.). *Cadernos Pagu: corporificando gênero*. (Pp. 235-249). São Paulo: UniCamp.
- Sant'anna, D. B. (2014). *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Sarmento, M. J. (2003). Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, 12(21), 51-69.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). (2013). *Anuário do trabalho na micro e pequena empresa: 2013 – Setor de serviços de beleza*. Sebrae.
- Sousa, E. L. (2014). *Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Vigarello, G. (2006). *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro.



Vanessa Paula Ponte é bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é pós-doutoranda no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (unb). É integrante da Rede Internacional de Pesquisa sobre Família e Parentesco (Rede Anthera) e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (Nesp/unb).